

A morte no Jornal Nacional

Michele Negrini*

Artigo recebido em:

28 de agosto de 2009

Aprovado em:

10 de fevereiro de 2010

Resumo: A morte é uma temática permeada por complexidades e as significações que assume para os homens são distintas. Desta forma, a manifestação da finitude humana no espaço televisivo oferece uma riqueza de possibilidades para investigações acadêmicas. Este artigo tem como objetivo refletir a produção de sentidos sobre a morte no jornalismo televisivo, com foco na cobertura do Jornal Nacional ao acidente com o voo 3054 da TAM. Observamos como o JN abordou questões ligadas à tragédia, como o sofrimento de parentes das vítimas, a reação das testemunhas do acidente e possíveis explicações para a ocorrência do caso. Consideramos a morte como um acontecimento jornalístico a partir da definição de Adriano Duarte Rodrigues. Tomamos como objeto de estudos a edição do telejornal que foi ao ar no dia 18 de julho de 2007 – dia seguinte à tragédia.

Palavras-chave: *Telejornalismo; morte; acontecimento jornalístico.*

The death in Jornal Nacional

Abstract: Death is a very complex human question and it assumes different meanings. Thereby, the manifestation of human finitude on the TV screen offers a vast field for academic research. Our intention is to reflect over the sense generated over death in television journalism, as we present a case study of the covering of the 3054 TAM air crash by national TV newscast Jornal Nacional. We observed how JN dealt with issues like the suffering of relatives, reactions of witnesses and possible explanations for the tragedy. We consider death as as an journalistic event, following a definition proposed by Adriano Duarte Rodrigues. We have chosen the newscast issued in July eighteen, 2007 - the day after the tragedy.

Keywords: *Newscast; death; journalistic event.*

* Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; docente da Universidade Federal do Pampa/Unipampa São Borja.

michele.negrini@unipampa.edu.br

Na atualidade, é comum dar-se ênfase ao poder das mídias e também denunciá-las como prepotentes, perversas e perigosas aos espectadores (TRAQUINA, 2003). É pertinente dizer que tais críticas, muitas vezes, têm cunho político, mas que não pode ser ignorado que o campo jornalístico é atravessado por relações de poder e que os jornalistas têm papel ativo no processo de construção das notícias e de definição do foco dos assuntos que vão fazer parte da pauta social.

O campo jornalístico se constituiu no século XIX em um contexto em que existiam jornais que apresentavam ao público preferencialmente notícias, com foco sensacionalista, e jornais que traziam propostas de análises e comentários. A distinção principal entre os dois tipos de jornais se fazia pela presença da objetividade nos jornais que traziam análises e comentários (BOURDIEU, 1997).

Mazzarino (2007) situa o campo jornalístico como um espaço social onde interagem sujeitos que atuam como fontes de determinado acontecimento, produtores de notícias, detentores das estruturas organizacionais onde as informações são produzidas e receptores dos produtos jornalísticos. Na sociedade, o campo jornalístico é parte de um sistema complexo de interação entre diversos campos sociais. A autora acrescenta que nas sociedades contemporâneas o campo jornalístico é alvo de ações estratégicas de diversos agentes sociais, os quais objetivam a relação entre as suas necessidades de acontecimentos com as dos profissionais do meio jornalístico.

No campo jornalístico contemporâneo, dois pólos começam a se tornar dominantes: o pólo econômico e o pólo ideológico (TRAQUINA, 2004). No pólo ideológico, o jornalismo atua como um serviço público que fornece informações importantes para a vida das sociedades e para que os cidadãos possam se defender de abusos de poder. Já no pólo econômico, o jornalismo é tido como um negócio e as notícias como mercadorias que proporcionam altas margens de lucro às empresas jornalísticas.

Há tensões entre o pólo econômico e o pólo ideológico, que tem se intensificado desde a segunda metade do século XX.

Num pano de fundo desta tensão, os diversos “jogadores” tentam mobilizar, para as suas estratégias comunicacionais, os seus acontecimentos, os seus assuntos, ou as suas ideias e valores. São “promotores” que avançam as suas “necessidades de acontecimentos”. Interagem com os profissionais do campo jornalístico, os jornalistas, que, em última instância, decidem, em interação com outros jornalistas, o que é notícia, qual é a sua importância, e como é definida. Nessas interações, os jornalistas atuam como agentes que têm as suas próprias “necessidades de acontecimentos”, ou não há o imperativo de “fechar” a edição do jornal ou começar o noticiário principal do dia a tempo? (TRAQUINA, 2004, p. 28).

O acontecimento é definido por Rodrigues (1993) como tudo aquilo que irrompe a superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fa-

tos que ocorrem no cotidiano. “Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização” (Rodrigues, 1993, p. 27). O acontecimento é imprevisível, irrompe de forma acidental o transcorrer do cotidiano. Quanto menos previsível for o fato, maior é a probabilidade dele se tornar notícia e integrar o discurso jornalístico:

O acontecimento jornalístico é, por conseguinte, um acontecimento de natureza especial, distinguindo-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades, sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência. Neste sentido, faz parte de um conjunto relativamente restrito que pertence a um universo muito vasto (RODRIGUES, 1993, p. 27).

Um acontecimento tem seu sentido relacionado ao âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais:

As coisas são noticiáveis porque elas representam a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo. Mas, não se deve permitir que tais acontecimentos permaneçam no limbo da desordem – devem ser trazidos aos horizontes do significativo. Este trazer de acontecimentos ao campo dos significados quer dizer, na essência, reportar acontecimentos invulgares e inesperados para os mapas de significados que já constituem a base de nosso conhecimento cultural, no qual o mundo já está traçado (Hall et alii, 1993, p. 26).

A morte é um tema que tem ampla significação entre as pessoas. Tratando-se das sociedades ocidentais atuais, que são consideradas negadoras da ideia da finitude humana, a transmissão midiática da morte mexe com elementos que são particulares do íntimo dos espectadores. No caso do acidente com o voo 3054 da TAM, onde mais de duzentas pessoas faleceram na mesma ocasião, a morte ganha proporções de um acontecimento jornalístico¹ e ganha espaço destacado nas principais mídias brasileiras.

Traquina (2005) aponta a morte como um valor-notícia importante no jor-

¹ Para considerar a morte, no caso do acidente do voo 3054 da TAM, como acontecimento, tomamos como referência as perspectivas de Rodrigues (1993) sobre o tema, as quais foram abordadas no decorrer deste trabalho. Podemos considerar que a morte de mais de duzentas pessoas em uma mesma ocasião é um fato que foge do contexto da multiplicidade aleatória dos fatos que se dão no cotidiano e que tem presença histórica. Então, a morte ganha espaço como acontecimento midiático pelas dimensões de sua realização e por ganhar a posição de maior acidente da aviação no Brasil. Não levamos em consideração opiniões como a de Katz (1993), que diz que o acontecimento tem que ser pré-planejado, que não é espontâneo e inesperado. O autor aponta seis condições básicas para a ocorrência de um acontecimento midiático: 1- transmissão ao vivo, 2- de um acontecimento pré-planejado, 3- enquadramento no tempo e no espaço, 4- pondo em destaque um grupo ou uma personalidade heróica, 5- com grande significado dramático ou ritual, e 6- a força de uma norma social que torna o ato de assistir obrigatório.

nalismo. O autor explica os valores-notícia como sendo elementos básicos da cultura jornalística que são partilhados por essa comunidade.

A morte é um valor-notícia fundamental para essa comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos écrans da televisão. No seu estudo antropológico dos correspondentes de guerra em El Salvador, Mark Pedeltyouve faz um fotojornalista explicar o tipo de fotos que a hierarquia do jornal quer: “Assassinatos, bombardeamentos, funerais, e conferências de imprensa. Aquilo que combina com as melhores ‘estórias’”. Conta que a pergunta mais frequente do seu chefe é “Quantos corpos?” (Traquina, 2005, p. 79).

Mouillaud (2002), referindo-se ao jornalismo impresso, salienta que diferentes “locais” são atribuídos à morte no jornalismo cotidiano e que há diferentes tipos de mortos nas páginas dos jornais, como: os mortos de serviço, que compõem a necrologia; os mortos acidentais; os mortos dos conflitos, das guerras e das revoluções, que passam a fazer parte da história; e o Grande Morto, que se destaca pelo seu nome, pela sua fama.

Neste estudo, vamos tratar a morte acidental como acontecimento jornalístico. Mouillaud (2002, p. 350) analisa a importância deste tipo de morte para a mídia: “O morto acidental, o jornal o toma por sua conta; nele a morte se torna acontecimento como o corte ou a derrota de uma rotina [...] É a particularidade (do acidente ou do crime) que se torna notícia; sua diversidade é a essência”.

A Morte

A morte é um dos temas mais delicados e controversos da história cultural da humanidade. É um elemento estrutural para o entendimento do homem, pois o ser humano só se reconhece a partir da aceitação de sua finitude. A vida está estreitamente ligada com a significação que se atribui à morte. A concepção que o homem tem de vida e a que tem de morte fazem parte de um único comportamento fundamental. Com o reconhecimento da morte, a vida se torna mais plena, a consciência do fim embasa um olhar diferenciado sobre o presente, dando forma à vida. A adaptação com a ideia de morte oferece bases para a vivência (SIMMEL, 1998).

Como os humanos constituem a única espécie que tem a certeza da morte presente durante a existência, que pratica ritos fúnebres, a sua essência está associada às suas crenças perante a morte. As formas de viver têm amplas relações com o fim. Dastur (2002) salienta que o conhecimento que as pessoas têm do próprio fim é que torna possível a relação que os humanos têm com a própria mortalidade. O morrer não é apenas uma determinação extrínseca da existência, um acidente, mas um atributo essencial do homem. A relação do ser humano com a morte é constitutiva do seu próprio ser.

Para Chiavenato (1998), a morte é o tema mais delicado e controverso da história cultural da humanidade. Morin (2005) salienta que é na morte que se dá a maior ruptura entre o espírito humano e o mundo biológico. “Na morte, encontram-se, chocam-se, ligam-se o espírito, a consciência, a racionalidade e o mito” (MORIN, 2005, p. 45). O autor ressalta que é na morte que o homem constrói o entendimento de si. É na consciência da própria finitude que o homem se diferencia dos outros seres vivos.

O momento em que o homem se dá conta que vai morrer é fundador para a cultura. Com a consciência da morte, o homem tem a preocupação de transmissão e de conservação de todo o seu patrimônio cultural. A morte leva à difusão de hábitos, costumes e conhecimentos, que são preservados entre gerações. Assim, na medida em que o homem entende que vai morrer, ele tem a preocupação de preservação cultural e acaba tendo um sentido mais consistente para a sua vida.

As sociedades ocidentais do século XX são tratadas por Ariés (2003) como negadoras da morte. Na atualidade, é característica a atitude do homem de negar a própria morte. A finitude humana não é tratada no cotidiano e as pessoas vivem de forma a parecer que ela não existe. Oliva-Augusto (1995) diz que um mecanismo de negação da morte nas sociedades atuais é o “fazer passar a vida”.

Loureiro (1998) acrescenta que por estarmos submersos na vida, em atividades cotidianas, corriqueiras para nós, eliminamos, quase por completo, as ideias da morte, principalmente as de nossa morte. O homem, no decorrer de seu cotidiano, na maioria das vezes, vive como se a própria morte não estivesse presente nas suas relações.

Freire (2006) complementa dizendo que apesar do homem desejar a superação da morte, algumas mudanças na compreensão do papel do indivíduo² nas sociedades modernas contribuíram para uma maneira diferenciada de negar a morte. “Não são mais as projeções da ideia de continuidade em um plano metafísico que asseguram a amenização para o enfrentamento da morte. Negar a mortalidade, atualmente, é viver como se ela não existisse” (Freire, 2006, p. 28). Como o homem tem a certeza de sua morte física e sabe que é impotente diante dela, a crença da imortalidade³ dá suporte para a negação da finitude. A partir dessa crença, é que vive o homem, o qual, muitas vezes, embora conhecendo a morte e tendo certeza de sua chegada, vive cego frente a ela, como se a finitude só existisse longe de suas relações. A angústia provocada pela certeza da morte existe, mas está mascarada pela perspectiva da vivência da alma.

Morin (1988) diz que se o homem é condenado a se manter impotente fren-

² Neste estudo, não estamos contemplando nenhum conceito específico das Ciências Sociais para tratar do “indivíduo”.

³ A imortalidade presente nas crenças dos homens se dá no campo do imaginário. O homem crê na vitória de sua alma sobre a morte e que esta alma vai ter espaço em outras dimensões. Morin (1988) trata a alma como sendo um duplo. Para o autor, é através da consciência do homem e dos movimentos de seu duplo que a ideia da morte tem espaço. A morte vai ser apropriada pelo homem mágica e miticamente. O domínio da morte continuará a ser a zona de sombra onde triunfam a magia e o mito, da forma mais categórica e permanente. O conteúdo antropológico da morte dá espaço para a demonstração da amplitude do imaginário do homem.

A morte é um dos temas mais delicados da história da humanidade, é um elemento estrutural para o entendimento do homem

te à morte biológica, então ela vai ser o mais falso (o mais verdadeiro) dos problemas da individualidade humana. Para o autor, vencer a morte significa domesticar a espécie em todos os planos. “Colonizar a espécie é colonizar a morte, e vice-versa, é o triunfo da individualidade, a sua possibilidade infinita” (MORIN, 1988, p. 306). Assim, o triunfo do indivíduo sobre a espécie como um todo se daria no vencimento da finitude humana, mas no cotidiano das pessoas, a morte pode ser ultrapassada somente no campo simbólico e no imaginário⁴.

Tratando-se das transmissões midiáticas, a morte é levada aos olhos do público nos mais diversos programas, fazendo parte de programas de entretenimento e ganhando considerável espaço no jornalismo. Na cobertura feita pelo Jornal Nacional à queda do avião da TAM foram explorados os detalhes mais picantes que cercam a finitude humana. O choro dos parentes, o resgate de corpos e a sensação das testemunhas tornaram-se parte da pauta do programa. Como diz Salles (2004): “E como uma das notícias mais interessantes é a morte, chegamos à triste e reveladora conclusão: a grande mídia vende a morte. E o pior é que nós compramos o produto [...]”.

Jabor (2004), tentando explicar o porquê de a morte exercer um encantamento entre os mais diversos públicos do jornalismo, diz que o espetáculo da morte alivia as tensões do homem, purificando os seus ódios por uma espécie de “Kátharsis pós-moderna”, a qual o isola da sociedade, desintegra-o e o aliena.

O caso do Jornal Nacional

O Jornal Nacional foi criado em um período conturbado da história brasileira: a ditadura militar. Rezende (2000) aponta que o JN, já de início, enfrentou a marca, que acompanhou a Rede Globo por muito tempo, de ter afinidade ideológica com o Regime Militar. Foi o primeiro telejornal a ser transmitido em rede nacional e até hoje é líder em audiência em seu horário. Foi ao ar pela primeira vez no dia 1o de janeiro de 1969, ano que a imprensa sofria censura da ditadura militar.

O JN tem um formato padrão desde que iniciou suas transmissões. É apresentado em uma bancada, por dois jornalistas sentados. Os primeiros apresentadores foram Hilton Gomes e Cid Moreira. No ano de 1972, Sérgio Chapelin substituiu Hilton Gomes. No ano de 1983, Celso Freitas foi para o lado de Cid Moreira na apresentação. Em 1989, Sérgio Chapelin voltou a fazer dupla com Cid Moreira, que só foi desfeita em 1996, dando lugar a William Bonner e Lillian Witte Fibe. Em 1998, Fátima Bernardes assume o lugar de Witte Fibe. Bernardes e Bonner são os âncoras do JN até hoje. Inicialmente, o programa tinha 15 minutos de duração. Ele era transmitido de segunda a sábado, como

⁴ Nas Sagradas Escrituras, encontram-se passagens que narram a vitória sobre a morte biológica. Jesus, em seu período de pregações, ressuscitou Lázaro, irmão de Marta e Maria, quatro dias após seu sepultamento (João 11, 1- 44). A filha de Jairo também vence a morte com a intercessão do Cristo (Marcos 5, 21- 43). O filho da viúva de Naim foi ressuscitado no caminho da sepultura (Lucas 7, 11-17). O próprio Jesus venceu a morte após ter sido crucificado e estar morto há três dias (João 20, 1 – 18).

acontece atualmente; porém, agora o programa fica quase uma hora no ar.

Diferentes tipos de mortes estão presentes na rotina do telejornal. Na programação do JN há espaço para alguns dos principais tipos de morte elencados por Mouillaud (2002) como presentes no jornalismo: os mortos acidentais; os mortos dos conflitos, das guerras; e os Grandes Mortos, que se destacam pela sua fama na sociedade.

No caso do acidente com o voo 3054 da TAM⁵, a morte acidental ganha proporções de acontecimento jornalístico e tem destacado espaço na programação dos principais veículos de comunicação do país. Jornais on-line fizeram a habitual cobertura minuto a minuto dando os mais diversos detalhes do acidente. Telejornais ocuparam sua pauta com o assunto durante vários dias após o acidente. Impressos diários e revistas semanais deram aos mortos amplo espaço em suas páginas.

O Jornal Nacional, frente à tragédia, prezou a colocação de Traquina (2005) de que a morte é um valor-notícia importante. Destinou boa parte do tempo que ficou no ar na semana que ocorreu o acidente para focalizar o caso. William Bonner deixou a bancada para ancorar o telejornal diretamente de Congonhas. Possíveis explicações para o caso foram dadas, os sentimentos dos familiares das vítimas foram explorados, testemunhas tiveram espaço para demonstrar sua visão sobre o caso, enfim, a morte tornou-se um acontecimento jornalístico digno de grande repercussão. Desta forma, a cobertura do JN ao caso do voo 3054 da TAM tornou-se um interessante objeto para estudos.

Optamos por analisar a edição do JN do dia 18 de julho de 2007 por ser a que foi ao ar no dia seguinte à tragédia. Por opção metodológica, selecionamos os principais sentidos⁶ instituídos sobre a morte, os quais dão a ela a proporção de acontecimento jornalístico, no discurso de todos os locutores⁷ presentes nas matérias sobre o tema no programa, inclusive dos apresentadores, e apontamos as falas de cada locutor literalmente como elas foram ditas na edição referida do JN. Grifamos, no decorrer das frases dos locutores, as marcas de sentidos referentes aos pontos em discussão.

Na edição do Jornal Nacional do dia 18 de julho, o acidente com o avião da TAM se sobressaiu sobre o restante da pauta do dia. Foi enfocada a proporção do acidente; o resgate aos corpos das vítimas; a tristeza e a aflição dos familiares das vítimas, além de tentativas de explicação para o ocorrido e análises sobre as condições da pista do aeroporto de Congonhas. As explanações de

⁵ O acidente com o Airbus da TAM ocorreu no dia 17 de julho de 2007. Ao pousar no aeroporto de Congonhas (São Paulo), a aeronave não conseguiu frear, atravessou a Avenida Washington Luís e bateu contra um prédio da TAM Express. Houve explosão e incêndio. Cerca de 200 pessoas morreram. (Fonte: Folha On-line)

⁶ Benetti (2007) salienta que o jornalismo é um lugar de produção e circulação de sentidos. Para Orlandi, a produção de sentidos tem íntimas relações com os interlocutores do discurso. Os sentidos estão vinculados com as posições ideológicas que estão em jogo no processo de produção das palavras e variam conforme as estratégias de funcionamento dos discursos, a posição do sujeito que fala e do que lê, o meio de realização do texto e as relações de poder ali inseridas. "O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito" (ORLANDI, 2001, p. 47).

⁷ Ducrot (1987, p. 182) diz que o locutor é "um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável". O locutor mostra-se como o "eu" no discurso.

locutores foram variadas, tiveram voz desde testemunhas até familiares demonstrando toda a sua dor pela perda de alguém querido. Neste artigo, vamos trazer algumas falas de locutores que vão reiterar a grandiosidade do acidente e as proporções atingidas pela morte de tantas pessoas.

A ênfase à grande dimensão do acidente é visível na edição do dia 18 de julho. Foi reiterada a condição de maior desastre da aviação brasileira e o texto do telejornal foi deixando claro que a morte era o resultado efetivo de tamanha tragédia.

O avião da TAM, destruído no maior desastre da aviação brasileira, tinha 186 pessoas a bordo, e os bombeiros ainda tentam retirar corpos do prédio em que ele bateu, antes de explodir⁸.

Dezenas de edifícios circundam o Aeroporto de Congonhas. Atrás deles está o cenário do desastre. Nos escombros fumegantes do prédio da TAM Express, atingido pelo Airbus da empresa, ainda há fogo e corpos de vítimas da tragédia⁹.

Uma escavadeira está em operação e vários caminhões começam a ser carregados para levar embora os escombros da tragédia. O Corpo de Bombeiros informa que 70% do prédio da TAM Express já foram vasculhados. Os números oficiais do governo do estado apontam que 178 corpos foram retirados dos escombros. Dentro do avião estavam 186 pessoas, três estavam no posto de gasolina e nove estavam no prédio da TAM¹⁰.

Um acidente trágico gera comoção nas pessoas. As emoções dos parentes das vítimas e da sociedade foram esmiuçadas no decorrer do JN que estamos analisando. A espetacularização¹¹ ficou evidente quando choro, gritos e lamentos foram misturados frente às câmeras e levados aos espectadores.

Muitas pessoas ainda estão nas proximidades do prédio da TAM. O que chama a atenção no comportamento delas é o silêncio respeitoso. São duas as memórias que ficarão do

⁸ e ⁹ Fala de apresentador do JN.

¹⁰ Fala de repórter.

¹¹ Como diz Canavilhas (2001), o espetáculo tem como exigência a apresentação da realidade “dura, nua e crua”. Neste contexto, na perspectiva do autor, o real é levado ao público de forma completa, global e natural, o que fará com que ocorra a captação de audiência. Guy Debord (1997) traz importantes considerações para o estudo da apresentação espetacularizada da morte no jornalismo televisivo quando salienta que o espetáculo tem como foco o seu desenrolar, o seu enredo. O meio da cena espetacularizada é tudo, é ali que o público deve se prender. O espetáculo tem caráter tautológico. As repetições são marcas constantes. O autor diz que o conceito de espetáculo está intimamente relacionado com a vida humana, ele é a sua afirmação como aparência. “O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. [...] Considerado de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana – isto é, social – como simples aparência” (DEBORD, 1997, p. 16).

¹² Fala de apresentador do JN.

lugar: o cheiro da fumaça e o silêncio¹².

O avião caiu a poucos metros das pistas de Congonhas, onde deveria ter pousado. Logo depois, o saguão do aeroporto ficou cheio de parentes em busca de informações¹³.

O abraço solidário na hora da dor. Em Congonhas, parentes buscam informações. São momentos de desespero e angústia pra quem nunca imaginou estar tão perto de uma tragédia¹⁴.

Depois da confirmação dos nomes, os parentes das vítimas enfrentam o doloroso calvário da identificação dos corpos: 86 pessoas foram trazidas para um hotel em São Paulo, onde recebem assistência médica e psicológica. Boa parte veio de avião de Porto Alegre trazendo documentos, fotos, fichas médicas e histórias daqueles que perderam¹⁵.

Parentes dos passageiros viveram o tormento da desinformação no Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre. Quando a tragédia foi confirmada, o temor se transformou em desespero¹⁶.

A primeira hora de uma longa noite de angústia começou com gritos e desespero. Nem a TAM nem a Infraero davam qualquer informação sobre as vítimas. Os parentes foram levados para uma sala reservada. A Polícia Militar foi chamada. Tudo que os parentes queriam era saber quem estava a bordo do voo 3054¹⁷.

A TAM afirma que não liberou a listagem porque não tem certeza de quem estava no voo. Então para que entrar lá e fazer check-in? É óbvio que eles sabem quem está no voo¹⁸.

Os primeiros nomes de vítimas foram divulgados por um programa de rádio. Só por volta da 1h30 funcionários da TAM leram a lista dos passageiros. Depois do desespero, a dor se fez silenciosa¹⁹.

Estou esperando há seis horas. Se Deus quiser a minha filha grávida estará no avião de Curitiba²⁰.

Pela manhã, no Aeroporto Salgado Filho, a tristeza em cada rosto. Durante todo o dia, parentes embarcaram para São Paulo em voos liberados pela TAM. Na bagagem, documentos que possam ajudar na identificação. Um momento difícil

^{13, 14, 15, 16, 17 e 19} Fala de repórter.

¹⁸ Depoimento de parente da vítima.

²⁰ Fala de parente da vítima (antes da divulgação da lista de passageiros do voo).

na história destas pessoas, que agora só querem trazer de volta para casa aqueles que perderam²¹.

Alguns dos que presenciaram o acidente também fizeram parte do “conteúdo” da edição do JN que está sendo observada, tomando posição de testemunhas de um acontecimento de grandes proporções.

“A roda bateu na frente do meu táxi, meu táxi parou com tudo, e aí do lado ele bateu a asa no depósito da TAM, aí explodiu o avião”.²²

“Eu abaixei a cabeça atrás do volante e aquela onda de calor cobriu o carro, e os destroços do prédio da TAM caíram em volta do carro”.²³

“Meu parceiro percebeu que o avião ia cair e ele me puxou”.²⁴

“Estávamos dentro do avião, prontos para decolar. Cancelaram o aeroporto e, quando vimos, apareceu um clarão”.²⁵

A presença da morte é inevitável em um quadro acidental com dimensões tão destruidoras. Depois da tragédia, cabe aos familiares o reconhecimento dos corpos. O JN do dia 18 de julho evidenciou que no cenário do acidente, a morte era a perspectiva mais evidente.

Os passageiros viraram números na sala de operações improvisada do Corpo de Bombeiros. E lá foi montada a estratégia para combater um fogo que resistiu bastante. Só depois de muitos jatos de água, de espuma, e de sete horas, o clarão foi apagado²⁶.

Ao levantar o trem de pouso e a cauda do Airbus A320, os bombeiros encontraram no meio das cinzas algumas bagagens e mais corpos²⁷.

Uma escavadeira está em operação e vários caminhões começam a ser carregados para levar embora os escombros da tragédia. O Corpo de Bombeiros informa que 70% do prédio da TAM Express já foram vasculhados. Os números oficiais do governo do estado apontam que 178 corpos foram retirados dos escombros. Dentro do avião estavam 176

^{21, 26 e 27} Fala de repórter.

²² Depoimento da testemunha Maria Macari.

²³ Depoimento de um motorista que foi testemunha do acidente.

²⁴ Depoimento de um frentista que viu a tragédia.

²⁵ Depoimento de Jurandir Mota dos Santos, gerente de informática, que estava em outro avião no momento do acidente.

peças, três estavam no posto de gasolina e nove estavam no prédio da TAM²⁸.

A tentativa de dar uma explicação para o caso foi um dos focos do JN em estudo. Especulações acerca da probabilidade de falha humana, problemas com a pista ou negligência das autoridades foram levadas ao ar.

Em um acidente desta gravidade, a solidariedade com parentes de vítimas dividiu os sentimentos dos brasileiros com a perplexidade e o medo. As causas do desastre ainda são um mistério e as hipóteses são muitas²⁹.

“Um incidente e um acidente aeronáutico, quando está chovendo na pista de Congonhas, a maior suspeita é de que a pista tenha contribuído pra esses acidentes, por estar muito escorregadia”³⁰.

“Pode ter havido falha humana, pode ter havido influência da pista, pode ter havido influência da aeronave, pode ter havido um estresse, pode ter havido um monte de coisa. Por isso não é bom se concentrar em um hipótese apenas”³¹.

“Talvez o acidente tenha ocorrido por outra razão, mas com certeza a ranhura teria aumentado o coeficiente de atrito daquele avião, dos aviões que pousam em Congonhas”³².

“Deveria haver uma redução do volume de tráfego deste aeroporto. Isto é o que o governo do estado e a prefeitura desejam”³³.

Na retratação do acidente, os olímpianos³⁴ ou os grandes mortos³⁵ não poderiam ficar de fora da cobertura midiática. O Jornal Nacional deu destaque aos nomes dos mortos conhecidos do grande público.

Entre os passageiros, o ex-presidente do Internacional e atual advogado do Corinthians, Paulo Rogério Amoreti Souza; o diretor do SBT no Rio Grande do Sul, João Roberto Brito; e o deputado federal pelo PSDB gaúcho, Julio Redecker³⁶.

²⁸ e ³⁶ Fala de repórter.

²⁹ Fala de apresentador do JN.

³⁰ Depoimento de Adalberto Febeliano, da Associação Brasileira de Aviação Geral.

³¹ Depoimento do brigadeiro Kersul Filho, Centro de Investigação Acidentes de Vôo.

³² Depoimento de Jorge Eduardo Leal, professor da USP.

³³ Depoimento de José Serra, governador de São Paulo.

³⁴ Morin (1997) diz que os olímpianos são os heróis do espetáculo, do jogo, do esporte. São as vedetes. Para o autor, a imprensa de massa mergulha nos fatos da vida privada dos olímpianos buscando elementos que possam atrair o grande público.

³⁵ Termo tratado por Mouillaud (2002) e já apresentado neste trabalho.

Considerações finais

A morte é um tema com diversas interpretações, as quais estão muito ligadas com cada cultura. Há uma complexidade ligada às discussões sobre a morte. Como a morte é um tema bastante importante e ao mesmo tempo, em algumas culturas, ainda de difícil discussão, pode-se dizer que a cobertura do Jornal Nacional ao acidente com o avião da TAM se deu de forma simplista, sem nenhuma preocupação com os espectadores e com as famílias das vítimas que foram expostas no ar.

No caso do acidente com o vôo 3054 da TAM, a morte de mais de 200 pessoas tomou proporções de acontecimento jornalístico e teve seus detalhes mais espetaculares explorados. Choros e gritos de parentes das vítimas foram levados ao ar. A dor da perda misturou-se aos detalhes restantes do acidente em forma de reportagem. A cobertura do JN ao caso fugiu do padrão que se espera de um programa jornalístico, o qual deveria ir ao ar com a finalidade de informar e de esclarecer a sociedade e não de fazer um verdadeiro show com a apresentação de extravasamento de emoções.

O Jornal Nacional, ao fazer a cobertura do acidente com o avião da TAM, não demonstrou estar tendo como eixo condutor de seu trabalho os princípios bases do jornalismo³⁷ e pareceu estar dando vazão, no espaço televisivo, ao lado festivo da finitude humana. É visível a presença da espetacularização. O JN prezou pelas ideias de Szpacenkopf (2003) de que o telejornal espetacularizado tem como característica a apresentação exaustiva de imagens que acabam dando a impressão de serem mais reais que a própria realidade que deu origem a elas.

A apresentação da morte no jornalismo televisivo diversas vezes é dotada de ingredientes que vão muito além da simples apresentação do fato; são levados ao ar os anseios dos parentes dos que morreram; choros e gritos têm espaço nos telejornais; e pessoas emocionadas podem dar seus depoimentos demonstrando seus sentimentos em decorrência do acontecimento da morte. A espetacularização da morte no jornalismo televisivo está relacionada à sua encenação.

No cotidiano ocorrem diversas mortes, mas para estarem entre as notícias que farão parte do telejornal da noite ou do impresso do dia seguinte, precisam ter “um detalhe a mais”, que possibilite que sejam consideradas acontecimentos jornalísticos. Por isso, não é todo tipo de morte que ganha espaço na pauta midiática. Grandes mortes, de foco espetacular, e mortes acidentais têm destaque nos meios de comunicação. Pode-se exemplificar com a cobertura à morte do cantor Michael Jackson. Neste caso, a mídia esteve bastante presente e ressaltou detalhes íntimos do fato ao público. Foram feitas especulações sobre destino da herança do astro musical; sobre quem ficaria com a guarda

A espetacularização da morte no jornalismo televisivo está relacionada à sua encenação

³⁷ Aqui, nos referimos que, com a realização deste estudo, constatamos que o foco da cobertura televisiva às mortes normalmente não tem sido norteador pelo papel social do jornalismo, que é dar ao público informações contextualizadas. Lembramos que Mello (2006) diz que o jornalista, ao assumir o papel de um agente social, passa a ter a função de um mediador entre os fatos, o interesse público e a cidadania.

dos filhos; discussões sobre problemas internos na família Jackson; sobre a sexualidade do cantor morto; sobre a sua relação com suas ex-mulheres. Enfim, questões da vida privada da família tiveram visibilidade e serviram como roteiro para um grande espetáculo midiático.

Nas coberturas de eventos que envolvem mortes, que tem como foco a exploração de detalhes espetaculares, a elevação dos índices de audiência das emissoras e o conseqüente aumento dos lucros para as organizações jornalísticas são explicações plausíveis para a realização deste tipo de cobertura por parte dos jornalistas. Na maioria das vezes, se o repórter fosse observar os seus padrões éticos e levar em consideração os seus conhecimentos técnicos sobre a profissão, teria uma postura mais voltada para os acontecimentos jornalísticos do que para as emoções dos envolvidos nos casos.

Após observação da forma como o Jornal Nacional se posicionou frente à finitude humana e a transmitiu para os espectadores, cabe enfatizar que para que ocorra uma cobertura “ideal” para a morte no telejornalismo³⁸ é preciso que se volte às bases do jornalismo, levando em conta pontos como a clareza da informação, a objetividade jornalística e o papel social do jornalismo³⁹. Podemos comentar que as coberturas que são comuns, que fazem a demonstração do sofrimento humano, têm muito mais apelo emocional do que valor informativo: tais coberturas remetem ao espetáculo e à ficção.

Assim, temos espaço para salientar que a morte é um valor-notícia que rende para o telejornalismo, na medida em que sua cobertura explora os mais variados ingredientes dos sentimentos humanos frente à perda. A morte acaba sendo vendida ao público como qualquer informação tratada pelo setor de publicidade de um veículo de comunicação.

Referências bibliográficas

AMARAL, Michele Castilhos Gomes. **Eleições presidenciais e copa do mundo 2006: uma análise das estratégias discursivas do Jornal Nacional**. Trabalho final de graduação do curso de Jornalismo. Centro Universitário Franciscano, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BENETTI, Márcia. **A ironia como estratégia discursiva da Revista Veja**. In: XVI Encontro Anual dos programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007, Curitiba. Anais. Curitiba: Compós, 2007.

³⁸ Quando falamos em cobertura ideal para a morte, lembramos o pensamento de Traquina (2004) de que o jornalista tem um ethos, que conduz o trabalho e orienta os membros da comunidade acerca da sua missão social de resguardo à cidadania.

³⁹ É claro que temos em mente que a mudança na forma de cobertura midiática às mortes envolve diversas “instâncias”. Traquina (1993) salienta que o processo de produção de notícias só pode ser entendido se for observado no contexto da organização em que o jornalista está fixado. A apresentação de forma espetacularizada da finitude humana no espaço televisivo pode ser explicada pela teoria organizacional. Muitas vezes, o jornalista acaba se inserindo no contexto da organização e trabalha de acordo com a postura da empresa. Vamos retomar o pensamento de Pena (2008) que aponta que, pela teoria organizacional, a atuação dos profissionais das redações tem completa vinculação com os “meios” utilizados pela organização que está situado e, nesta perspectiva, o fator econômico condiciona o trabalho.

- BÍBLIA SAGRADA. 40a Edição. São Paulo: Ave Maria, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CASTRO, André Augusto. **O mais relevante no país e no mundo**. Disponível em: <http://www.unb.br/acs/unbagencia/ag0305-51.htm>. Acesso em: 19 de setembro de 2007.
- CANAVILHAS, João. **Televisão: o domínio da informação-espetáculo**. In: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 10 de dezembro de 2001.
- CHIAVENATO, José Júlio. **A morte: uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Moderna, 1998.
- DEBORD, GUY. **A Sociedade do Espectáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DASTUR, Françoise. **A morte: ensaio sobre a finitude**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. **O som do silêncio: isolamento e sociabilidade no trabalho do luto**. Natal: EDUFRN, 2006.
- HALL, Stuart, CHRITCHER, Chas, JEFFERSON, Tony, CLARKE, John, ROBERTS, Brian. A produção social da notícia. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.
- JABOR, Arnaldo. **Nosso coração está cada vez mais frio**. Disponível em <http://www.amazonia.org.br/ef/opiniao/print.cfm?id=106005>. Acesso em: 10 de dezembro de 2004.
- KATZ, Elihu. Os acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.
- LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
- MAZZARINO, Jane Márcia. **O agendamento na perspectiva das fontes do campo jornalístico: observando fazeres do movimento socioambiental**. Revista Fronteira (UNISINOS), v. IX, p. 53-63, 2007.
- MELO, Jose Marques de. **Teorias do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.
- MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Portugal: Publicações Europa-America, 1988.
- MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- MOUILLAUD, Maurice. As grandes mortes na mídia. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 2002.
- MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 2002.
- OLIVA -AUGUSTO, M. H. **O Moderno e O Contemporâneo: Reflexões**

- Sobre Os Conceitos de Indivíduo, Tempo e Morte. *TEMPO SOCIAL*, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 105-119, 1995.
- ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.
- PENA, Felipe. **Teoria da jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.
- SALLES, Marcelo. **A espetacularização da morte**. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/fd190220034.htm>>. Acesso em: 6 de janeiro de 2005.
- SIMMEL, George. **A metafísica da morte**. Trad. Simone Carneiro Maldonado. *Política & Trabalho*, ano 14, n.14, João Pessoa, PPGS-UFPB. Setembro 1998, pp.177-182.
- SCZPACENKOPF, Maria Izabel. **O Olhar do poder: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.